

PERPETUANDO A INVISIBILIDADE E A MITIFICAÇÃO DE ANIMAIS EM UMA COLEÇÃO DE LIVROS INFANTIS

Rui Pedro FONSECA*

RESUMO: Uma coleção designada por *Os Animais da Quinta*, dirigida ao público infantil, foi lançada, de acordo com a editora Planeta DeAgostini, com o intuito ser didática relativamente aos animais evocados. Este estudo pretendeu inquirir o didatismo desta coleção através de uma análise comparativa entre o caso de *A Vaca* (livro) e as práticas de exploração descritas pela literatura do setor agropecuário em Portugal. Concluiu-se que existem desfasamentos consideráveis entre as narrativas desta coleção comparativamente às realidades experienciadas pelos animais da indústria agropecuária. Ou seja, as narrativas em questão atuam em conformidade com uma cultura (alimentar) hegemónica, promovendo a invisibilidade e a mitificação – o que contribui para manter a separação emocional entre a população consumidora e os animais evocados.

PALAVRAS-CHAVE: Animais. Quinta. Agropecuária. Representações. Literatura Infantil.

Introdução

Na sua generalidade, as representações comerciais sobre os animais explorados para fins alimentares fornecem marcos interpretativos acerca das suas características individuais e das suas formas de exploração. Usualmente, tais representações são fundadas em relações utilitárias (ADAMS, 2006) – conceções amplamente partilhadas por vastos grupos (DIJK, 1995). Duas das características habituais deste tipo de representações são de que, quer as práticas exploratórias, quer o abate são, invariavelmente, omissos.

* CIES-IUL – Centro de Investigação e Estudos de Sociologia – Instituto Universitário de Lisboa. Com o apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia. Lisboa – Portugal. 1649-026 - fonsecarppd@hotmail.com

Para além das representações manifestamente comerciais, existem outros modelos de narrativas em Portugal sobre os animais que são comercializados sob a salvaguarda de servirem propósitos de educação infantil: *Os Animais da Quinta* (Walt Disney/Majora); *O Mundo dos Animais* (Editora Asa); *Os Animais da Quinta – Os meus primeiros livros de sons* (Editorial Presença); *Livro de Autocolantes – Animais da Quinta* (Editor Livros & Livros); *Sons da Quinta – O meu primeiro livro toca e sente com sons* (Little Tiger Press); jogos de pintar – *Animais da Quinta*¹, todas edições idênticas a de *Os Animais da Quinta* (Planeta DeAgostini, 2014), focada neste estudo.

Essas narrativas comercializadas dirigidas às crianças consistem num dos marcos de referência mais largamente difundidos e que, alegadamente, se aproximam às especificidades dos animais (*i.e.*, porcos, vacas, galinhas, coelhos, perus, etc.), bem como às formas que interagem com a espécie humana. O propósito deste estudo é, precisamente, inquirir essas narrativas sobre os animais na coleção *Os animais da Quinta*² que, de acordo com a editora Planeta DeAgostini (2014), serve propósitos de educação infantojuvenil (inclusivamente para os/as adultos/as).

O princípio que este estudo sustenta é que as narrativas em questão, através da sua linguagem e imagética, neutralizam os verdadeiros animais e a suas condições de exploração³ – contribuindo para a sua opressão ideológica (STIBBE, 2001). Foram avançadas três hipóteses relativamente a estas narrativas:

1. Que as condições de vida dos animais representados nesta coleção não têm nada a ver com as realidades experienciadas pelos verdadeiros.
2. Que as práticas cruéis experienciadas por estes animais são neutralizadas, através da omissão.
3. Que ações da espécie humana para com os animais são representadas como benignas.

Metodologia

Se se pretende inquirir a função didática destas narrativas comercializadas em Portugal, que contêm determinados enredos sobre os animais, é relevante confrontá-las

¹ Jogo Pinte os Animais da Quinta. In: **Jogos de Pintar**. Disponível em: <<http://www.jogospintar.com.br/jogo/pinte-os-animais-da-quinta.html>>. Acesso em: 2 mai. 2018.

² Esta coleção da Editora Planeta DeAgostini foi comercializada na Península Ibérica, mas também na América Latina (Argentina, Brasil, Chile, Equador e Uruguai) – o que pressupõe uma significativa abrangência comercial.

³ Por condições de exploração, entenda-se, refiro-me às condições em que vivem, como comem, as formas que interagem uns com os outros e com a espécie humana, como são mortos, etc.

com dados concretos provenientes da literatura da indústria agropecuária portuguesa – cujas instalações abarcam a maioria desses animais. Embora a escolha de relatórios oficiais da agropecuária portuguesa se constitua como uma opção conservadora – em comparação, por exemplo, com documentários que explicitam as práticas de exploração dos animais por parte do setor – permite, contudo, apurar com relativa eficiência a veracidade das narrativas da coleção *Os Animais da Quinta*.

A coleção é demasiado extensa, sendo cada número dedicado a um animal: *A Vaca*; *O Porco*; *O Coelho*; *A Galinha*; *O Gato*; *O Cão*; etc.. Adicionalmente, as formas de exploração de bovinos são completamente diferentes quando comparadas com as de exploração de aves ou porcos. Daí, de forma a obter-se uma análise relativamente aprofundada, ter sido necessária a realização de um estudo de caso comparativo direcionado apenas para uma das espécies. Optou-se pela análise do livro *A Vaca*, considerando as formas pelas quais ela é representada, em justaposição com as formas pelas quais é explorada pelo sector agropecuário.

Embora as representações (ambas – a a escrita e a imagética) que surgem no livro *A Vaca* operem numa lógica de simplificação, presumivelmente para melhor se adequarem ao público infantil, acabam por ser muito eficientes na maneira que fazem anexar determinadas realidades aos animais. Por exemplo, a representação imagética de um vitelo a mamar nos úberes da sua progenitora bovina, num vasto campo de relva (conforme a Imagem 1), pode ser potenciadora de uma análise extensa, sobretudo quando comparada com os processos reais da agropecuária. Só nesta imagem, existem variados elementos que são de análise comparada pertinente ao que refere à literatura da agropecuária portuguesa, designadamente: (1) a forma que a vaca é fecundada; (2) o tempo que a cria e a progenitora passam juntas até serem separadas; (3) as razões pelas quais a cria e a progenitora são separadas; (4) o destino da cria (consoante o seu género) após a separação da progenitora; (5) o tipo de contexto (ou seja, espaço e as condições de tratamento) a que ambas estão sujeitas; (6) as consequências emocionais que acarretam a separação entre cria e progenitora; etc. Ou seja, todos estes fatores a atentar, que implicam os contextos de vivência dos animais (como vivem, o que comem, como se interrelacionam intra e extra-espécies, bem como a existência de possíveis omissões) implicaram uma consulta sistemática à literatura do sector agropecuário.

A grelha de análise focada nas condições de produção das vacas e das crias consistiu em compreender os contextos de vivência: como vivem/comem/interrelacionam. Ou seja, em que contextos os animais vivem, como se alimentam; como se interrelacionam; como são explorados; e como se relacionam com os seres humanos. Os elementos a atentar nas narrativas de *A Vaca* foram, essencialmente, os **imagéticos** e os **textuais**, a partir dos quais se procurou compreender as estruturas

de sentido e os significados representacionais. A metodologia usada no *corpus* deste artigo ecoa com a análise de Stibbe (2001), relativamente aos discursos com o propósito de expor ideologias incorporadas. O autor demonstra que a própria linguagem proporciona uma maneira de estruturar a nossa experiência de nós mesmos/as e do mundo, e que esta pode ser um importante contributo para a legitimação da opressão dos animais não-humanos.

Para averiguar a veracidade das representações de *A Vaca*, fez-se uso do método comparativo, o que implicou a consulta de alguns artigos oficiais provenientes do sector da agropecuária portuguesa que dão a conhecer as realidades respectivas em relação às vacas e às crias, designadamente sobre os seus contextos vivenciais. Algumas das referências são: *Notícias Limousine* (2008) da Associação Portuguesa de Criadores da Raça Bovina (APCRB); *Manual de Patologia Podal Bovina* (SERRÃO, 2007); *Enterites neonatais em vitelos* (DEFESA, 2013); *Quando separar o vitelo recém-nascido da vaca leiteira? Uma revisão dos efeitos sobre bem-estar animal, produção leiteira e reprodução* (STILWELL, 2008); etc. Pelos estudos extensivos sobre os impactos do leite bovino na saúde humana, bem como os impactos da agropecuária nos bovinos explorados para o efeito, também se recorreu ao estudo *Implicações éticas, ambientais e nutricionais do consumo de leite bovino: uma abordagem crítica* de Sônia Felipe (2013).

Complementarmente à análise qualitativa, recorreu-se a algumas referências académicas internacionais das ciências sociais que abordam convenções alimentares, fundadas numa cultura hegemónica, que implicam na exploração de animais. Introdutoriamente abordaram-se conceitos gerais sobre a alimentação enquanto categoria essencialmente cultural (FISKE, 1990), designadamente o aplicável conceito de *habitus* (BOURDIEU, 1980). Ainda, no que concerne à alimentação bem como às representações culturais sobre animais, o **referencial ausente** (ADAMS, 2010), conceito essencial abordado, refere-se ao processo de desassociação do consumo de produtos de origem animal relativamente ao processamento (*i.e.*: formas de tratamento e morte) de animais. As percepções diferenciadas em relação a espécies de animais (como, por exemplo, encarar na cultura ocidental como desejável o consumo de vacas e repugnante o consumo de cães) advêm de um sistema de crenças e práticas culturais designadas como **carnismo** (JOY, 2010), conceito central, também abordado. As práticas e percepções são sedimentadas pelas representações antropomórficas de animais (LENNKO, 2010), fulcrais para os manter separados conceptualmente da comida – separação essa efetivada pela generalidade das narrativas dos livros infantis (STEWART & COLE, 2015).

Abordagem geral às representações de animais usados na alimentação

A alimentação é um complexo aglomerado de práticas e crenças que constantemente cruza as categorias natureza e cultura. A cultura alimentar engloba representações, cerimônias gastronômicas, processos culinários, práticas de socialização associadas que, em conjunto, classificam os animais em categorias opostas: os comestíveis e os não comestíveis. Comer algumas espécies de animais e não comer outras implica, na prática, a existência de processos coercivos, de exploração e de morte para umas, mas não para outras. Nesse sentido, será correto afirmar-se que categorizamos, hierarquizamos e discriminamos animais com base na sua espécie. Comer alguns animais e não comer outros enquadra-se num conjunto de práticas culturalmente alicerçadas, amplamente partilhadas que, por corresponderem a uma visão dominante, não necessitam de qualquer justificação.

O consumo de produtos de origem animal é um produto da história, mas surge constantemente reforçado pelas representações de uma cultura hegemónica, originada a partir da *doxa*. A reprodução destas práticas implica a mobilização de um *habitus* comum (BOURDIEU, 1980), implica ser-se construído/a socialmente, estar-se submetido/a a um conjunto de regras, convenções, códigos, linguagens, valores, e partilhar perceções que fundamentam o consumo de produtos de origem animal como legítimo e necessário. O conceito de *habitus* mencionado por Bourdieu (1980) é apropriado quando se trata do consumo de produtos de origem animal porque traduz a incorporação (por parte do sujeito) de estruturas, costumes, normas e tradições que são aceites como certas e naturais – daí o consumo de produtos de origem animal constituir-se como um princípio neutro e inquestionável para a maioria da população.

A crítica contemporânea permitiu-nos reconhecer que não há textos inocentes e que todos os produtos carregam mensagens, significados, valores, mas também preconceitos (DURHAM, 2001). Um dos princípios subjacentes às narrativas derivadas de construções culturais é que não apenas representam o mundo, mas que também o constroem e o fazem significar. Proponho a aplicação deste princípio às narrativas da coleção de livros *Os Animais da Quinta*. Sugiro, contudo, que esta coleção aporta mensagens e significados relativamente aos animais que são descoincidentes das práticas por eles vivenciadas diariamente – a uma escala aplicável globalmente.

Questionando a aplicabilidade da designação Animais da Quinta

Importa, preliminarmente, atentar na designação comumente utilizada nesta e noutras coleções de livros infantojuvenis – **animais da quinta**. A designação permite depreender que os animais vivem em uma quinta – portanto, livres em determinados espaços naturais, ou em espaços (semi)humanizados, onde coexistem e levam uma vida relativamente autónoma. **Animais da quinta** é um termo que pode também aludir aos contextos rurais pré-Revolução Industrial, ou mesmo aos escassos contextos situados fora dos aglomerados urbanos, onde os animais vivem em relativa tranquilidade, liberdade e em bem-estar.

É relevante compreender se a designação **animais da quinta** e os significados que aporta, podem ser enquadráveis na realidade contemporânea. A Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO, 2013) estima que, mundialmente, 80% do crescimento no sector da pecuária resulta de sistemas de produção agropecuária intensiva. Estes dados contabilizam os países menos desenvolvidos onde as técnicas agrícolas são mais tradicionais/rurais. Nos países mais desenvolvidos, como os da comunidade europeia, a agropecuária tradicional ocupa presentemente um lugar infinitesimal no mercado nacional e estrangeiro, o que pressupõe que a grande maioria da população consumidora acede a produtos de origem animal oriundos de fábricas de produção intensiva. A concentração intensiva de animais é, de facto, a predominante em Portugal (FONSECA *in* ECODEEP, 2014) – e o seu objetivo consiste na obtenção de maior saída de produtos de origem animal, no período mais rápido, e com o menor investimento possível.

Sendo a produção intensiva mais lucrativa acarreta, contudo, condições de exploração de animais completamente antagónicas às da produção rural, ou ao que alude o termo **animais da quinta**. Numa descrição geral e introdutória, os animais da pecuária intensiva (incluindo a portuguesa) vivem geralmente enclausurados, portanto privados de liberdade. Os seus comportamentos naturais (práticas de socialização com os da mesma e outras espécies, bem como as práticas de reprodução) são artificialmente regulados; é-lhes fornecida ração, hormonas de crescimento e antibióticos com vista ao desenvolvimento galopante. Complementarmente, a castração, a amputação (muitas vezes sem o uso de anestésicos), a matança de crias (*e.g.* pintos, leitões, bezerros), o transporte, a morte, sumarizam algumas das práticas infligidas aos animais.

A história da exploração agropecuária está associada a uma eliminação progressiva do contacto físico dos animais (na qualidade de vivos) para com a população consumidora – fator decisivo que tem vindo a permitir a separação emocional. Mas a separação emocional é também complementada por outros

fatores: representações culturais⁴ e a linguagem que usualmente é utilizada⁵. Em conjunto são fundamentais no processo de objetificação dos animais, convertendo-os em referenciais ausentes (ADAMS, 2010), em que o sentido original de cada animal/indivíduo desaparece passando a ser integrado numa categoria diferente de significação – como, por exemplo, enquanto produtos alimentares.

Análise comparativa entre as narrativas de *A Vaca* e práticas descritas pelo setor da agropecuária em Portugal

No âmbito das representações, os animais são praticamente onnipresentes na literatura infantil. A literatura infantil caracteriza-se por ser relativamente curta na extensão das histórias convergindo, muitas vezes, determinados conteúdos com a diversão. Usualmente, os aspetos imagéticos e linguísticos apresentam-se visualmente estimulantes e podem proporcionar significados experienciais para as crianças (MÖLLENHOFF, 1989). As narrativas da coleção *Os Animais da Quinta*, enquadram-se na descrição anterior: histórias breves, visualmente simplificadas, e lúdicas. Nesta coleção, todos os animais (quer os percebidos como alimento quer os de companhia) surgem como personagens que ocupam determinadas funções na quinta.

O livro (de capa dura) *A Vaca*, da coleção mencionada, é composto por vinte e cinco páginas, e contém diversas secções onde são apresentadas algumas especificidades em relação à vaca, cria e boi. São descritas algumas características biológicas e comportamentais da vaca, e os produtos que dela se extraem. Por exemplo, como passa ela o dia; o que come; como convive com o seu filhote; como é feita a ordenha; que produtos derivam do leite; quais as distinções entre o touro e o boi; e que tipo de raças de vacas existem. Não só neste livro em particular, mas em toda a coleção *Os Animais da Quinta*, Margarida e Celestino (pais de Paulo e Maria) apresentam-se como uma família de agricultores que convidam o/a leitor/a a descobrir a sua quinta, as tarefas diárias e os animais que lá se encontram: “Vais conhecer cada animal ao pormenor e ficarás a saber como são, como vivem, o que comem, as diferentes raças, entre tantas outras curiosidades”⁶.

Os animais são representados (visualmente e linguisticamente) em imagens idílicas de pastoreio, ou mesmo em contextos humanizados, convivendo entre várias espécies, ou em grupos familiares, ora movendo-se em manadas pelo pasto, ora

⁴ E.g.: publicidade, cinema, discurso noticioso, etc.

⁵ E.g. uso de dicotomias como animal vs humano. Ou o uso de designações culinárias como fêvera, chouriço, bitoque, bife, etc..

⁶ Informação que consta no folheto informativo ou no *website* da Editora Planeta DeAgostini.

descansando, ora alimentando-se. Por exemplo, as vacas pastam nos vastos prados verdejantes (*A Vaca*, p. 4), ou nos pastos da montanha (*A Vaca*, p. 15).

Contrariamente, por serem exíguas e confinantes, as instalações pecuárias são antagónicas a estas representações, portanto avessas à autonomia e liberdade dos animais. Os animais em produção intensiva não podem correr, estender-se, procurar comida, ou interagir com membros da família ou com membros de outras espécies: o que acarreta atrofias físicas e emocionais; ou seja, mal-estar (TABELA 2).

Nas narrativas as vacas e as crias pastam pelos prados e dormem juntas no estábulo (sua habitação). À semelhança das representações publicitárias da pecuária intensiva, a carne e derivados (e.g.: “chouriço”) são evocados. Contudo, a morte, o transporte para o matadouro, o sofrimento (condições essenciais para obtenção da carne) e a fragmentação de animais, são processos tornados omissos nessas narrativas.

Nas narrativas os animais surgem individualizados, designados por nomes como Branquinha, Violeta, Bonita, Papoila, Malhada, etc.. Em oposição, os animais da agropecuária apresentam números de série, são tratados como objetos e abstrações – objetos porque são convertidos em unidades de produção em linhas de desmontagem, e abstrações porque o volume bruto de animais mortos pela carne (em toneladas) reforça a sua desindividualização (JOY, 2010).

Nestas narrativas infantis, os animais ostentam características humanas (antropocentrismo) e atuam em nossa conformidade, portanto coniventes com a sua exploração. Por exemplo, a Vaca Malhada produz o “leite mais branco e mais cremoso” (*A Vaca*, p. 21 e Imagem 3) como oferta para a família de agricultores. Não é mencionada no livro a separação forçada das progenitoras de suas crias – prática usual na indústria leiteira⁷.

Na imagética e nas narrativas as vacas progenitoras e suas crias mantêm-se inseparáveis, seja no contexto noturno, “no estábulo com o meu vitelinho” (*A Vaca*, p. 5), seja no contexto diurno. A relação entre mães e crias é representada como natural e harmónica, a tal ponto que é indicado que as crias só deixam de mamar nos úberes das progenitoras ao fim de alguns meses quando já têm força suficiente para comer erva com os adultos, e divertir-se no prado com os outros vitelos (*A Vaca*, p. 9 e Imagem 1). Mais uma vez, a intervenção humana apresenta-se essencialmente como benigna: quando está no estábulo com o seu vitelinho, o agricultor põe feno nas manjedouras e palha no chão para que as vacas possam deitar (*A Vaca*, p. 5).

⁷ Em qualquer indústria de laticínios (incluindo a biológica) a extração de leite de vaca para consumo humano implica a separação forçada das progenitoras dos/as vitelos/as (os machos tornam-se invariavelmente num subproduto deste sector e são usados para a obtenção de carne). Este e outros processos violentos encontram-se omissos nesta publicação.

As narrativas fazem menção aos sintomas emocionais das progenitoras expressos por mugidos após o afastamento das suas crias (*A Vaca* p. 8). Contudo, nas práticas mencionadas neste livro, a progenitora e a cria não são separadas.

Já na indústria agropecuária, como gatilho para a descarga hormonal, as vacas são forçadas a procriar reiteradamente através da fecundação artificial, com intervalos regulares entre 12 a 14 meses (CARNEIRO *et. al*, 2010). Como forma a maximizar a produção e a rentabilidade econômica, os processos de produção da indústria leiteira (incluindo a produção orgânica) requerem, obrigatoriamente, a interrupção do elo entre a progenitora e a cria. Publicações da agropecuária portuguesa e estrangeira registram que 52% das explorações separam o vitelo imediatamente após o parto; 22% fazem-no após as 12 horas; 16% separam-no entre as 12 e as 24 horas; e cerca de 10% deixam mãe e cria por mais de 24 horas (TABELA 2). Publicações da agropecuária portuguesa reiteram, aliás, a importância de separar as crias das mães seguidamente ao nascimento, enclausurando as primeiras no que designam como viteleiros limpos e individuais^{8 9} (TABELA 2). A separação e o isolamento das progenitoras das suas crias impedem o estabelecimento de vínculos sociais e afetivos, acarretando sinais de *stress* para ambas: sintomas visuais (*e.g.*: movimentos reiterados da cabeça); auditivos (*e.g.*: o que a indústria designa como chamamentos); e químicos (*e.g.*: aumento dos níveis de cortisol). De acordo com a literatura da agropecuária portuguesa diversas outras patologias são posteriormente detetadas: do sistema músculo-esqueléticos, digestivas, respiratórias, da glândula mamária, pneumonia, sanidade mental, etc. (TABELA 2).

Na quinta, Celestino e a esposa Margarida cumprem funções de protecionismo e são proclamadores do bem-estar animal (*e.g.*: colhem ramos de flores para oferecer à vaca Malhada como pequeno almoço que, por sua vez, oferece ao Celestino o leite mais branco e mais cremoso (*A Vaca*, p. 21 e Imagem 3) – uma troca de privilégios, entre animais e exploradores que (semanticamente e nas práticas) é representada como benigna para ambas as espécies (TABELA 1).

⁸ De atentar no eufemismo da expressão viteleiro individual - aludindo à exploração benigna. Na verdade, o viteleiro individual é um cubículo, sem luz solar, e sem espaço para os bezerros se moverem. Nestes cubículos, os bezerros são privados do contato físico com sua progenitora, bem como de nutrientes essenciais para seu desenvolvimento e saúde (Ver TABELA 2)

⁹ O destino das crias é geralmente orientado pelo seu género: os bezerros machos por serem considerados inúteis para a indústria de laticínios, são geralmente vendidos e depois mortos para o processamento de carne. Este procedimento reiterado da agropecuária em relação ao enclausuramento temporário de vitelos (sobretudo machos) em cubículos, a maior parte das vezes sem luz solar, acedendo-lhes muitas vezes muito pouco alimento, tem como função essencial mantê-los anémicos até ao abate – é também a anemia derivada da falta do alimento materno, bem como a falta de luz e de exercício físico que confere depois à sua carne a textura tenra e o aspeto esbranquiçado. Já as fêmeas podem ser convertidas em carne ou usadas para posteriormente substituírem vacas leiteiras esgotadas ou já demasiado doentes.

No que concerne à extração do leite menciona-se que a ordenha da vaca é feita duas vezes por dia; e no caso de serem muitas vacas é utilizada uma ordenhadora mecânica. É a própria vaca que em uma postura coadjuvante, menciona que a “ordenha mecânica” é mais “cómoda e rápida” (*A Vaca* p. 10) – contudo, no livro, apenas se encontra visualmente representada a ordenha manual (Imagem 2).

Porém, a ordenha mecânica realizada no setor leiteiro (geralmente maximizada com hormonas) é extremamente dolorosa. Chega a ser efetivada até três vezes por dia podendo chegar às seis horas, o que implica uma intensa atividade glandular que usualmente deriva em lesões (*e.g.*: inflamações mamárias/infeções nos úberes), claudicação crónica (COMPASSION IN WORLD FARMING, 2006) e consequentes dores (TABELA 2). Outra doença dolorosa que surge com frequência nas vacas exploradas para produção de leite é a laminite - derivada da ordenha mecânica, da alimentação e do pavimento onde se encontram confinadas (TABELA 2).

Em *Os Animais da Quinta* estão também omissas outras práticas industriais (e mesmo artesanais), muitas vezes, realizadas sem anestésicos quer a bezerros, quer a progenitoras: corte da cauda, descorna e a castração.

No que concerne à alimentação na quinta, *A Vaca* (p.5) acede a muita erva e água, a milho e beterraba (*A Vaca* p. 7) e a ramos de flores como pequeno-almoço oferecidos pelo Celestino (*A Vaca*, p. 21).

Nos processos reais do sector agropecuário a velocidade de produção é muito importante, sendo que um dos grandes objetivos é minimizar o tempo em que os animais crescem para depois serem abatidos e processados, nos *timings* designados pelo sector. Para acelerar o crescimento de animais e maximizar maior secreção de leite, mesmo que desadequado ao seu sistema digestivo, é utilizada a ração¹⁰, hormonas de crescimento (o que muitas vezes pode causar doenças, incluindo dores crónicas, ou mesmo a morte).

As narrativas da coleção *Os Animais da Quinta* não fazem qualquer menção ao tempo de vida, nem ao abate, dos animais.

Na indústria agropecuária, o tempo de vida útil de uma vaca leiteira explorada é de 6 anos (CARNEIRO *et. al*, 2010). Livre de exploração (*i.e.*: inseminações forçadas, partos dolorosos, separações das crias, ordenhas, rações, confinamento, etc.), uma vaca não explorada poderá ter um tempo útil de vida de 20 anos.

¹⁰ No contexto português, a ração utilizada pelo sector pecuária é essencialmente um composto proteico de silagem de milho e erva (MATOSMIX, 2014).

Análise dos dados e conclusões

A realidade diária é reveladora que, à luz das (legalizadas) práticas exploratórias da agropecuária, milhões de animais utilizados para alimentação são considerados propriedade. A condição de propriedade implica que os animais sejam objeto, no sentido literal, de práticas coercivas e violentas – fisicamente e emocionalmente. As práticas exploratórias da indústria agropecuária portuguesa relativamente às vacas (progenitoras) e crias, algumas delas transcritas neste artigo: violação/fecundação forçada de fêmeas, separação das fêmeas de suas crias, confinamento das fêmeas e crias, mutilações, o número extenso de doenças (digestivas, respiratórias, no aparelho reprodutivo, nas glândulas mamárias, nos cascos, de foro emocional, etc.) derivadas das práticas exploratórias (TABELA 2) – afiguram-se como avessas ao princípio da senciência.

Um princípio elementar, aplicável a Portugal e à generalidade dos países ocidentais, é de que todos os processos violentos das indústrias agropecuárias são tornados omissos face à população consumidora. Não assistimos a uma única parte dos processos pelos quais os animais são convertidos em produtos: nem diretamente, através da presença física; nem indiretamente, através das convencionadas representações (escola, televisão, jornais, etc.) o que permite que permaneçamos confortáveis e insensibilizados relativamente às respetivas práticas de consumo (JOY, 2010).

O caso do livro *A Vaca*, corresponde às demais representações culturais hegemónicas pelo princípio da **invisibilidade**: os animais surgem livres de confinamento; o sofrimento das progenitoras e das crias derivado da separação forçada é ausente; a subjugação, as doenças, o sofrimento físico e emocional, a morte, a fragmentação dos animais, etc., consubstanciam em práticas não mencionadas. A carne é mencionada, mas a morte – condição necessária para a conversão dos animais em carne, não o é.

O outro fator ancorado à generalidade das construções culturais dos animais é a sua **mitificação**. A **mitificação**, também efetivada na coleção *Os Animais da Quinta*, consiste em representar os animais com características e em situações que não correspondem com as reais. Ao contrário do que acontece na indústria agropecuária, que serializa os animais e os concebe como cabeças de gado, todos os animais nesta coleção surgem com nomes, portanto individualizados. No livro *A Vaca*, os animais surgem representados livres, em prados ou em montanhas, convivendo harmoniosamente entre si, com total autonomia. As progenitoras e as crias mantêm uma relação perfeitamente natural. Também chegam a ser antropomorfizados (e.g., sorriem e falam) cumprindo com funções de favorecimento dos interesses humanos. A vaca “oferece ao Celestino” o leite mais branco e mais

cremoso (*A Vaca*, p. 21), em detrimento de, por exemplo, – o Celestino apropria-se do leite da vaca que teria como natural destinatário o seu bezerro. Complementarmente, os exploradores (Celestino e Margarida) – apesar de se apropriarem do leite bovino de uma outra espécie e de terem, necessariamente, de exercer violência e provocar a morte a animais para a obtenção de carne – têm todas as suas práticas representadas como benignas. Ou seja, surgem como protetores e proclamadores do bem-estar animal.

Em suma, as condições de vida na coleção *Os Animais da Quinta*, e a sua relação com as personagens humanas, não têm qualquer ligação com aquelas experienciadas por milhões de animais que diariamente são explorados e mortos pela indústria agropecuária. Contudo, apesar de divergentes, as narrativas funcionam como blocos de referência que contribuem para sedimentar perceções e atitudes que estão em consonância com o *status quo* sedimentado pela cultura alimentar hegemónica. Ao promover a **invisibilidade** e a **mitificação** essa coleção contribui para perpetuar a separação emocional entre a população consumidora e os animais explorados.

TABELA 1 – Exemplos de Enredos Antropocêntricos em *A Vaca* da coleção *Os Animais Da Quinta* (Planeta DeAgostini, 2014)

<p>Vaca</p>	<p>“Ajudo o Celestino a ordenhar as vacas e as cabras. Se nos demorarmos muito aborrecem-se e começam a fazer ouvir os seus “muuu” e os seus “beee”, porque quando os seus uberes têm muito leite, isso incomoda-as muito.” (<i>A Vaca</i>, p. 4, 5)</p> <p>“Raramente mujo e sempre que o faço é por uma boa razão: porque estou a chamar o meu filhote, porque tenho fome ou porque o agricultor não vem há muito tempo à quinta ordenar-me.” (<i>A Vaca</i>, p. 9)</p> <p>“(O Agricultor, Celestino) Acariciou a vaca que lhe lançou um grande “muu...” de agradecimento. Nesse dia, ofereceu ao Celestino o leite mais branco e mais cremoso.” (<i>A Vaca</i>, p. 21)</p>
--------------------	---

TABELA 2 – Narrativas de *A Vaca* da coleção *Os Animais da Quinta* (Planeta DeAgostini, 2014) *versus* condições reais de exploração das vacas na indústria pecuária portuguesa

	Contextos de vivência: Como vive/ come/interrelaciona a <i>Vaca</i> e a cria em <i>Os Animais da Quinta</i>	Contextos de vivência: como vive/ come/interrelaciona uma vaca no sector da agropecuária portuguesa
Vaca e cria	<p>“Tenho quatro tetas, que estão cheias de leite. O agricultor vem ordenhar-me duas vezes por dia para recolher o meu saboroso leite.” (<i>A Vaca</i>, p.3)</p> <p>“O agricultor a ordenhar-me: aperta as tetas e o leite vai correndo para um balde.” (<i>A Vaca</i>, p. 5)</p> <p>“O leite e a ordenha” – “O agricultor e a agricultora ordenham-me de manhã e à noite. Sentam-se ao meu lado, põem um balde debaixo do meu úbere e apertam-me as tetas para fazer sair leite.” (<i>A Vaca</i>, p. 10)</p> <p>“Quando há muitas vacas utiliza-se uma ordenhadora mecânica. É uma máquina que aspira o leite das quatro tetas ao mesmo tempo. É muito mais rápido e muito mais cómodo!” (<i>A Vaca</i>, p. 11)</p>	<p>Vaca é ordenhada 2 a 6 horas, três vezes por dia e a ordenha é, por regra, feita mecanicamente.</p> <p>Atualmente, a quantidade de leite extraído das vacas (de três a vinte vezes mais do que era possível há meio século) requer uma intensa atividade glandular (FELIPE, 2013) (...). Atualmente a glândula mamária das vacas pode ser forçada a produzir 10, 20, 40, 60, 80 e 95, em vez de 3 litros de leite diários (FELIPE, 2013). Para maximizar a produção são administradas hormonas (<i>E.g.</i> rBGH). Como consequência da sucção mecânica, aparecem lesões: os tecidos distendem, inflamam, e rompem-se vasos sanguíneos, chegam a ganhar ferida. Como a agressão é contínua, o sistema imunológico é forçado a recompor as mazelas. (...) A vaca sente dor, o que leva a que permaneça estática (FELIPE, 2013).</p> <p>A mastite¹¹ mamária é a causa principal que leva os produtores a ordenarem o abate prematuro das vacas (FELIPE, 2013).</p>

¹¹ A mastite é a inflamação da glândula mamária causada pela exposição a bactérias *Staphylococcus aureus* ou *E. coli*, entre outras (...). De acordo com um relatório do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, a mastite é geralmente recorrente e requer tratamento com antibióticos. O tratamento é adotado por 85% das empresas.

	Contextos de vivência: Como vive/ come/interrelaciona a <i>Vaca</i> e a cria em <i>Os Animais da Quinta</i>	Contextos de vivência: como vive/ come/interrelaciona uma vaca no sector da agropecuária portuguesa
Vaca e cria	<p>“O vitelo – sou o filho do touro e da vaca. Para crescer alimento-me do leite da minha mãe.” (<i>A Vaca</i>, p. 3)</p> <p>“O touro é o macho com que tive o meu vitelinho. É o seu papá. (...)” (<i>A Vaca</i> p.12)</p>	<p>A nascerça dos vitelos é resultante de um processo de inseminação artificial oriunda de bancos do sémen de bovino especialmente selecionado (LIMOUSINE PORTUGAL, 2008), e resultante da manipulação genética. O crescimento dos vitelos, concretamente os machos, é interrompido pelo seu abate dos seis aos doze meses ou dos doze aos trinta meses (LIMOUSINE PORTUGAL, 2008).</p> <p>Os vitelos são colocados num cubículo, sem luz solar, sem espaço para se moverem, privados do contato físico com sua progenitora, de alimentos com nutrientes essenciais para seu desenvolvimento e saúde, de água (assim como de alimentos sem ferro, o que os mantem anémicos até o abate) (FELIPE, 2013).</p>
	<p>“O agricultor leva-me ao prado a pastar erva fresca e flores do campo. Passo aí todo o dia.” (<i>A Vaca</i>, p. 4)</p>	<p>Instalações pecuárias contêm espaços exíguos, antagónicos à pastagem dos campos. A condição de vida dos animais não humanos confinados em espaços industriais acarreta atrofia físicas, mentais, ou seja – mal-estar.</p> <p>Fatores essenciais intervenientes no mau estar animal: sociais (relacionamento entre animais); manejo (relação explorador – animal); ambientais (interação entre o animal e o meio onde se encontra); patológicos (doenças que afetam os animais)</p>

	Contextos de vivência: Como vive/come/interrelaciona a Vaca e a cria em <i>Os Animais da Quinta</i>	Contextos de vivência: como vive/come/interrelaciona uma vaca no sector da agropecuária portuguesa
Vaca e cria	<p>“Para ter um bom leite, como muita erva e bebo muita água.” (<i>A Vaca</i>, p. 5)</p> <p>“Dá-me também uns pós de milho e de beterraba para que eu tenha força.” (<i>A Vaca</i>, p. 7)</p> <p>“No verão – quando está bom tempo pasto a erva fresca, arrancando-a com a língua, e engulo-a. Depois vou deitar-me debaixo de uma árvore.” (<i>A Vaca</i>, p.6)</p> <p>“Durante o verão, o agricultor levava-nos aos pastos de manha, no cimo do monte, onde a erva é mais tenra.” (<i>“A Vaca”</i> p. 15)</p> <p>“Era Verão e as vacas tinham dormido no prado. (...)”. (<i>A Vaca</i>, p. 21)</p>	<p>Mesmo que desadequado ao seu sistema digestivo, o alimento das vacas criadas pela agropecuária portuguesa é, sobretudo, um composto proteico de silagem de milho e erva (MATOSMIX, 2014). Resultante deste tipo de compostos alimentares inventados para maximizar maior secreção de leite surge a laminite - uma das doenças extremamente dolorosas recorrentes em vacas usadas para extração do leite. A laminite consiste em lesões degenerativas das lâminas epidérmicas dos cascos, associadas às alterações circulatórias e inflamação das lâminas sensitivas, lâminas dérmicas e córneo laminar, com consequente necrose e perda do estojo córneo ou crescimento anormal e deformação do casco (FELIPE, 2013). Pisos não adequados e alimentação também originam a Dermatite Digital, Dermatite Interdigital, Panarício, Laminite, Úlcera da Sola, Abscessos Podais, Tiloma, Erosão do Talão, Fissura Vertical, Fissura Horizontal (SERRÃO, 2007).</p>

	Contextos de vivência: Como vive/come/inter-relaciona a <i>Vaca</i> e a cria em <i>Os Animais da Quinta</i>	Contextos de vivência: como vive/come/interrelaciona uma vaca no sector da agropecuária portuguesa
Vaca e cria	<p>“A minha noite – à noite volto ao estábulo com o meu vitelinho. É aí que durmo. O agricultor põe feno nas manjedouras para as vacas que tenham fome, e palha no chão para podermos deitar-nos.” (<i>A Vaca</i>, p. 5)</p>	<p>Um inquérito realizado nos EUA revela que cerca de 52% das explorações separam o vitelo imediatamente após o parto, 22% fazem-no depois do vitelo mamar, mas antes das 12 horas; 16% separam entre as 12 e as 24 horas e cerca de 10% deixa mãe e cria por mais de 24 horas (STILWELL, 2008). Números mais recentes não mostram grandes diferenças com mais de 40% das explorações a deixarem o vitelo mamar o primeiro colostro na vaca - as proporções serão bastante parecidas em Portugal (STILWELL, 2008).</p>
	<p>“Quando o meu filhote se afasta demasiado chamo-o com os meus mugidos.” (<i>A Vaca</i>, p. 8)</p>	<p>Os vitelos devem ser separados das mães ao nascimento, alojando-os em viteiros limpos e individuais (DEFESA, 2013).</p>
	<p>“O meu vitelo – Umás horas depois de nascer, o meu filhote consegue pôr-se de pé, sozinho. Mama o meu leite várias vezes ao dia. Quando já tem forças suficientes, o agricultor dá-lhe biberão para poder ordenhar-me. Só ao fim de alguns meses ele consegue comer erva, como os adultos, e divertir-se no prado com os outros vitelos.” (<i>A Vaca</i>, p. 9)</p>	<p>O confinamento impede as vacas e as suas crias de estabelecerem vínculos sociais entre si, bem como com animais de outras espécies. A manutenção do vitelo com a mãe durante poucos minutos é o suficiente para se formar um elo muito forte (HUDSON & MULLORD, 1977). Depois de 5 minutos de contacto com o vitelo já se notam sinais do <i>stress</i> derivados da separação, nomeadamente através do aumento dos níveis do cortisol plasmático da vaca e vocalizações (HUDSON & MULLORD, 1977).</p> <p>Numa clínica de bovinos do distrito de Barcelos foram detetadas patologias diagnosticadas em vitelos: sistema músculo-esquelético; patologias digestivas e respiratórias; reprodução e obstetria; problemas que atingem a glândula mamária; sanidade animal (70%); patologias do sistema reprodutor e digestivo; patologias da glândula mamária (HUDSON & MULLORD, 1977).</p> <p>As doenças respiratórias, como pneumonia, são frequentes nos vitelos devido a causas ambientais: as temperaturas ou humidades extremas, o <i>stress</i> que envolve certas manipulações de rotina (como o desmame ou o agrupamento dos vitelos), fazem com que os animais fiquem mais sensíveis aos micróbios respiratórios presentes, na maioria das explorações) e causas microbianas. Estima-se que até 17% das mortes ocorridas em vitelos com menos de 1 ano se devam a casos de pneumonia (MATOSMIX, 2014).</p>



Imagem 1: (Livro *A Vaca*)

Nas representações de *Os Animais da Quinta* as vacas progenitoras e as suas crias mantêm-se inseparáveis. A relação entre mães e crias é representada como natural e harmónica, a tal ponto que é indicado que as crias só deixam de mamar nos úberes das progenitoras ao fim de alguns meses quando já têm força suficiente para comer erva como os adultos, e divertir-se no prado com os outros vitelos. A intervenção humana, quando existe, apresenta-se essencialmente como benéfica (*A Vaca*, capa e p. 8).

Ao invés, na realidade diária destes animais, os processos de produção da indústria leiteira (incluindo a produção orgânica) requerem, obrigatoriamente, a agonizante interrupção do elo entre a progenitora e a cria. Publicações da agropecuária portuguesa reiteram, aliás, a importância de separar as crias das mães logo após o nascimento, enclausurando as primeiras no que designam como viteiros limpos e individuais. Nesses cubículos, muitas vezes sem luz solar e sem espaço para se moverem, as crias permanecem privadas do contacto com sua progenitora, bem como de nutrientes essenciais para seu desenvolvimento e saúde. A separação e o isolamento das progenitoras vacas das suas crias impedem o estabelecimento de vínculos sociais e afetivos, acarretando sinais de *stress* e patologias para ambas (TABELA 2).



Imagem 2: (Livro *A Vaca*)

Representada de forma antropocêntrica (postura coadjuvante) a vaca menciona que a “ordenha mecânica” é mais “cómoda e rápida” (*A Vaca*, p. 10). Na indústria agropecuária a ordenha da vaca, relatada como dolorosa, implica uma intensa atividade glandular potenciada com hormonas que derivam em vários tipos de doenças e lesões (TABELA 2).



Imagem 3: (Livro *A Vaca*)

Não são representados indícios de exploração/violência do agricultor em relação à vaca, mas uma troca de privilégios. Por exemplo, o Celestino colhe ramos de flores para oferecer à vaca Malhada como pequeno-almoço que, por sua vez, “oferece ao Celestino o leite mais branco e mais cremoso” (*A Vaca*, p. 21).

PERPETUATING INVISIBILITY AND MYTHIFICATION OF ANIMALS IN A CHILDREN’S BOOKS COLLECTION

ABSTRACT: *A collection of books addressed to children titled “Farm Animals” aims, according to its publishing company, to be didactic on the subject of the animals in question. This study intends to question the didacticism of this collection through a comparative analysis between the case of “The Cow” (book) and the exploitation practices described by Portuguese livestock industry reports.*

It was concluded that there are considerable gaps between the narratives in this collection and the realities experienced by the animals in the livestock industry. That is, the narratives in question act in accordance with a hegemonic (food) culture, ultimately promoting invisibility and mythification - perpetuating the emotional separation between the consuming population and the evoked animals.

KEYWORDS: *Animals. Farm. Farming. Representations. Literature. Children.*

REFERÊNCIAS

ADAMS, Carol J. **The Sexual Politics of Meat: a Feminist Vegetarian Critical Theory**. Continuum: New York, 2010.

_____. "An interview with C. J. Adams: Gender, Identity, and Vegan Feminism in the TwentyFirst Century", by Tom Tyler, in **Parallax**, vol. 12, nº 1, 120128, 2006

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CRIADORES DA RAÇA BOVINA Associação Portuguesa de Criadores da Raça Bovina. **Notícias Limousine**. Portugal. Nº 17, 2008. Disponível em: <http://www.limousineportugal.com/n17_abril_2008.pdf> Acesso em: 8 set. 2016.

BOURDIEU, Pierre. **Le Sens Pratique**, Paris, Minuit, 1980.

CARNEIRO, Marco Aurélio; *et. al.* **Eficiência reprodutiva das vacas leiteiras**. Circular Técnica, 2010. Disponível em: <<http://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/29218/1/Circular64-2.pdf>>. Acesso em: 7 mar. 2016.

COMPASSION IN WORLD FARMING. Stop – Look – Listen: Recognising the Sentience of Farm Animals. **Summary Report by Compassion in World Farming**. 2006. Disponível em: <http://www.fao.org/fileadmin/user_upload/animalwelfare/stop_look_listen_2006.pdf>. Acesso em mar. 2013.

DEFESA, Ana Cristina. Enterites neonatais em vitelos. **Repositório Universidade do Porto**, 2013. Disponível em: <<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/66967/2/93173.pdf>>. Acesso em: 2 abr. 2017.

DIJK, Teun A. Van. Discourse semantics and ideology. **Discourse & Society**, London: SAGE vol. 6(2), p. 243-289, 1995.

DURHAM, M. G. **Media and cultural studies: keywords**. Malden, Mass: Blackwell Publishers, 2001.

ECODEEP. Fileira do Leite e Derivados (Avaliação de ciclo de vida do leite UHT, iogurte e queijo). **Relatório Técnico**, 2014. Disponível em: <http://ecodeep.org/wp-content/uploads/2016/01/2-Relat%C3%B3rio-T%C3%A9cnico_Fileira-do-Leite-e-Derivados_ECODEEP.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2017.

FAO – Food and Agriculture Organization of the United Nations. Tackling climate change through livestock. Roma, 2013. Disponível em: www.fao.org/3/a-i3437e.pdf. Acesso em: 2 mai. 2018.

FELIPE, Sônia T. Implicações éticas, ambientais e nutricionais do consumo de leite bovino: uma abordagem crítica. **Pensata Animal**, 2013. Disponível em: <<http://www.pensataanimal.net/pensadores/152-sonia-t-felipe/384-implicacoes-eticas-ambientais-e-nutricionais-do>>

consumo-de-leite-bovino-uma-abordagem-critica-o-sofrimento-das-vacas-e-vitelos.> Acesso em: 9 jun. 2016.

FISKE, J. **Introdução ao Estudo da Comunicação**. Edições Asa, Porto, 1990.

HUDSON, Susan J.; MULLORD, M. M. Investigations of maternal bonding in dairy cattle. **Applied Animal Ethology**, Volume 3, Issue 3, 271-276, 1977. Disponível em: <[https://doi.org/10.1016/0304-3762\(77\)90008-6](https://doi.org/10.1016/0304-3762(77)90008-6)>. Acesso em: 2 mar. 2018.

JOY, Melanie. **Why we love dogs, eat pigs, and wear cows**. San Francisco: Conari Press, 2010.

LENNKO, Désirée. **Anthropomorphic animals in commercials** (Why fake animals tell good stories). Lund University, 2010. Disponível em: <<http://lup.lub.lu.se/student-papers/record/1601027>>. Acesso em: 7 mar. 2017.

MATOSMIX. 2014. Disponível em: <<http://www.matosmix.pt/bovinos.php>>. Acesso em: 8 mar. 2016.

MÖLLENHOFF, Fritz. Remarks on the popularity of Mickey Mouse (1940). **American Imago**, 46(2-3), 105-119. 1989. Disponível em: <<http://psycnet.apa.org/record/1990-22120-001>>. Acesso em: 9 jun. 2017.

OS ANIMAIS DA QUINTA. Editora Planeta DeAgostini, 2014. Disponível em: <<https://www.planetadeagostini.pt/infantil-juvenil/os-animais-da-quinta-2014>>. Acesso em: 3 abr. 2016.

SERRÃO, Armando. **IV Manual de Patologia Podal Bovina**. 2007. Disponível em: <http://www.apcrf.pt/fotos/editor2/iv_manual.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2016.

STEWART, Kate; COLE, Matthew. The Conceptual Separation of Food and Animals in Childhood. **Food, Culture & Society**. Vol. 12 p. 457-476, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.2752/175174409X456746>>. Acesso em: 3 mai. 2018.

STIBBE, Arran. Language, Power and the Social Construction of Animals. **Society & Animals**, v. 9, nº 2, p. 145-161, 2001. Disponível em: <<http://www.animalsandsociety.org/wp-content/uploads/2015/11/stibbe.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2015.

STILWELL, George. Quando separar o vitelo recém-nascido da vaca leiteira? Uma revisão dos efeitos sobre bem-estar animal, produção leiteira e reprodução. **Revista Portuguesa de Ciências Veterinárias**, 2008. Disponível em: <http://www.fmv.utl.pt/spcv/PDF/pdf/12_2008/117-125.pdf>. Acesso em: 6 jun. 2015.

Recebido em 08/01/2018.

Aprovado em 01/03/2018.